



O INVESTIMENTO EM sustentabilidade vai além de reduzir custos de produção e geração de resíduos. Para os especialistas, é também uma oportunidade para as empresas pensarem além do lucro e enxergarem-se como parte da comunidade

UM BOM NEGÓCIO PARA A SOCIEDADE

Empresas devem se preocupar com processos mais eficientes e os impactos que geram na sociedade e no meio ambiente. E não é só uma questão de marketing. Sustentabilidade é uma palavra muito usada no meio corporativo, mas nem sempre bem compreendida.

– Para começar, quando falamos em sustentabilidade nas empresas não falamos apenas da parte ambiental. Isso porque para algo ser sustentável, tem de ser em todos os aspectos: social, ambiental e financeiro. Não pode isolar apenas um aspecto – diz o professor e pesquisador da Univali Alexandre de Ávila, doutor em engenharia de produção e consultor na área de sustentabilidade.

Ávila afirma que as empresas brasileiras começaram a se preocupar com a questão por conta da exportação, no final da década de 1980. Como os consumidores de países desenvolvidos não viam só preço, mas valor do produto – como

é produzido, com que impacto – as empresas brasileiras precisaram se adequar a esse consumidor. Da mesma forma, os fornecedores também precisaram se adaptar, gerando um efeito dominó positivo no ambiente de negócios do país.

A seguir, nos anos 1990, outro movimento do mercado se somou a esse processo: a entrada das empresas na bolsa de valores. A instituição passou a vincular uma maior rentabilidade das ações de empresas com práticas sustentáveis. Mais tarde, a BM&F Bovespa criou o índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), reforçando a tendência.

– Uma empresa que não tem práticas sustentáveis tem maior risco de quebrar. É o caso da Samarco, por exemplo, que não prestou atenção a uma questão básica de gerenciamento de risco em suas barragens – afirma Ávila.

A sustentabilidade é fundamental inclusive para que as companhias lucrem mais, já que poluir menos acaba visto

como sinônimo de ser mais eficiente. A lógica é simples: quanto menos recursos são usados para produzir um mesmo produto, mais eficiente é sua produção, ou seja, faz-se mais com menos.

Apesar de todas as vantagens, há uma grande quantidade de empresas que não se preocupa com a questão.

– Muitos empresários não vinculam a sustentabilidade à sobrevivência do negócio. Porém, o entendimento moderno, é que as empresas não foram criadas simplesmente para dar lucro ao dono, mas para beneficiar a sociedade – afirma o pesquisador da Univali.

Essa concepção é confirmada pelo gerente de desenvolvimento ambiental da Fundação de Meio Ambiente (Fatma) em Criciúma, Filipe Barchinski. Em uma região que concentra empresas de mineração o investimento em sustentabilidade, especialmente no seu aspecto ambiental, é visto muitas vezes como gasto, não como investimento.

– A percepção que temos é que hoje as empresas se preocupam mais do que antes. Mas ainda há muitos empresários que encaram a sustentabilidade como um gasto desnecessário – diz Barchinski.

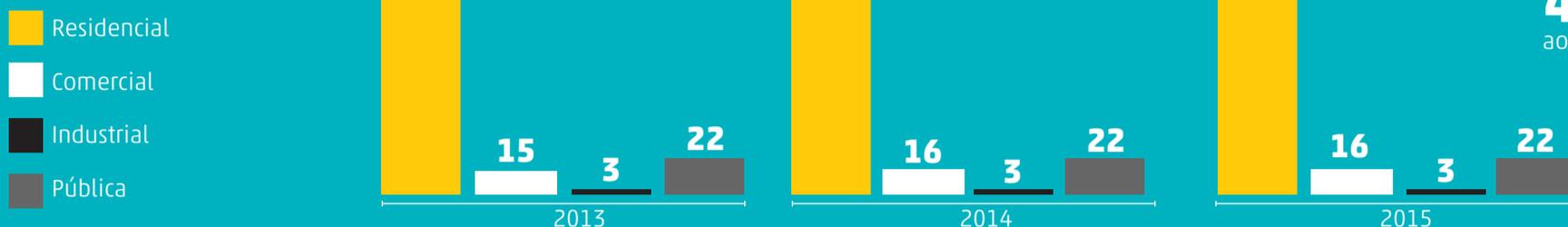
A professora Lucila Campos, do Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas da UFSC, alerta que, de modo geral, um dos problemas é quando a empresa busca sustentabilidade e quer resultados a curto prazo. Outra questão é a empresa não saber quais pontos atacar.

– É preciso procurar especialistas na área, conhecer as potencialidades de cada empresa – aconselha.

Outro ponto importante é não pensar na visibilidade da mídia como o objetivo final do investimento. A imagem deve ser consequência de um trabalho sólido feito ao longo do tempo, caso contrário, pode-se cair na armadilha que a especialista chama de *greenwashing*, quando a empresa faz uma maquiagem para se passar por sustentável.

CONSUMO DE ÁGUA EM SANTA CATARINA

Evolução da demanda por segmento no Estado (em milhões de m³)



A demanda industrial por água se manteve estável entre 2007 e 2014, enquanto a demanda total catarinense cresceu

4%
ao ano.

FONTE: CASAN



Ceusa, de Urussanga, investiu para reduzir consumo de água

Processo gera economia de água para indústria cerâmica

A Ceusa, fabricante de revestimentos cerâmicos de Urussanga, no Sul do Estado, passou a economizar 154 mil litros de água por mês com mudanças no processo de produção. Tudo começou no final de 2015. A equipe de produção percebeu que o revestimento fabricado pela indústria acabava molhando as caixas de papelão em que era armazenado antes da distribuição.

Isso ocorria porque, no processo de produção, as peças de revestimento absorviam água. De 13% a 16% do peso de cada item acabava sendo composto por água.

Para que as embalagens não ficassem molhadas, era preciso que as peças de cerâmica passassem por uma secadora, o que gerava um enorme gasto de gás.

A empresa começou, então, um processo de pesquisa e análises. A equipe buscou no mercado um produto que, em contato com a água, impedisse que as peças de revestimento absorvessem o líquido. Foram

realizados testes até chegar ao produto mais adequado.

Após um projeto piloto bem-sucedido, o novo processo passou a ser aplicado em escala industrial. Para se ter uma ideia da diferença, com o investimento, os revestimentos passaram a ter apenas 0,3% do peso composto por água. Como resultado, além de reduzir o consumo de líquido, já não era necessário gastar com o gás para a secagem das peças.

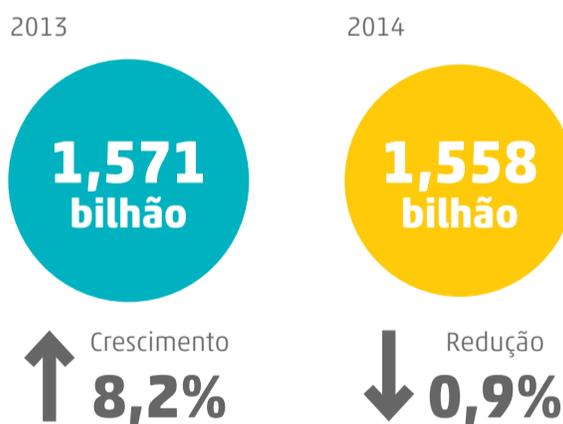
Além do ganho ambiental, a economia total por mês, que inclui gastos com gás, água e equipamentos, gira em torno de R\$ 30,5 mil. A empresa também foi reconhecida pelo Prêmio Fritz Müller, em 2015.

— Pelo menos desde a década de 1990 nossa empresa tem uma preocupação com a responsabilidade ambiental, e essa melhoria de processo está nesse contexto — afirma André Batti, coordenador técnico da Ceusa.

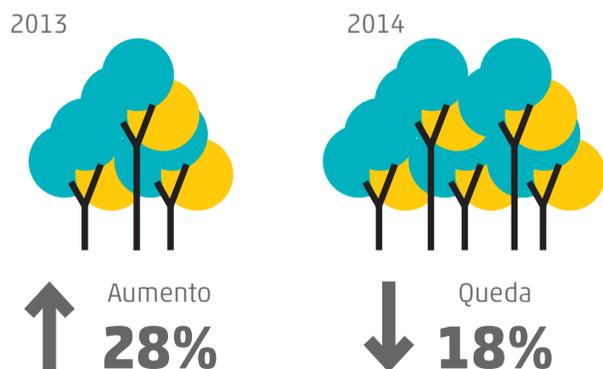
Redução de **154 mil** litros de água por mês com a mudança implantada pela Ceusa.

EMIÇÃO DE GASES DE EFEITO ESTUFA BRASIL

Toneladas de gás carbônico



Taxa de desmatamento na Amazônia



FONTE: SISTEMA DE ESTIMATIVA DE EMISSÕES DE GASES DE EFEITO ESTUFA (SEEG)

Metalúrgica de Brusque reduz produção de resíduos

Em 2013, a Zen, metalúrgica de Brusque, precisava reduzir resíduos para atender determinações do licenciamento ambiental da operação. Ao mesmo tempo, tinha a preocupação de conter gastos.

Para dar conta dessa missão, a empresa contratou especialistas e treinou as equipes. A metodologia adotada foi a Produção Mais Limpa, reconhecida pela Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (Unido). O objetivo é aumentar a eficiência na utilização de matérias-primas e recursos naturais e, paralelamente, minimizar ou reciclar resíduos.

— A gente tentou unir duas frentes bem importantes: demanda ambiental, que faz parte dos nossos valores, mas tentando obter economia. A base do projeto são os conhecidos 4Rs: reutilizar, reciclar, reduzir e recuperar — explica Eduardo Bertolini, diretor da empresa.

Em dois anos, houve redução de 28% na produção de resíduos contaminantes,

31% no consumo de água e até redução de uso de luvas, que caiu 34%, o que representa cerca de 90 mil pares de luvas no período. O projeto ganhou o 22º Prêmio Expressão de Ecologia.

— Os investimentos que fizemos nesse projeto são insignificantes diante do ganho que conseguimos — diz Bertolini.

Para incentivar e motivar os 880 funcionários, a companhia passou a estabelecer metas de redução em todos os setores, que foram vinculadas ao bônus que eles recebem. Além de cuidar dos processos internos, a empresa faz atividades externas com a comunidade voltadas para o meio ambiente, como a comemoração do Dia Mundial do Meio Ambiente e o Dia da água.

— Essas ações são importantes para nós porque precisamos estar em harmonia com a comunidade em que estamos inseridos. Além disso, nossos clientes de hoje em dia observam a questão da sustentabilidade com lupa.

Redução de **28%** na produção de resíduos na Zen, em Brusque.